

Finanças

Dívida pública BC deve manter cautela no resgate de US\$ 3 bi

Vencimento recorde de cambiais

Cristiane Perini Lucchesi e
Angela Bittencourt
De São Paulo

A puxada nas cotações do dólar na semana passada reforçou ainda mais a posição de especialistas do mercado financeiro, de que o Banco Central deve continuar a rolar 100% da dívida interna indexada ao câmbio e evitar alongar prazos, pelo menos por enquanto. No dia 20, o país terá o maior vencimento de títulos cambiais em um só dia deste ano, de R\$ 5,704 bilhões, ou quase US\$ 2,9 bilhões pelo câmbio da sexta-feira última.

“Se o BC tirar proteção cambial do mercado agora ou forçar prazos mais longos, poderá haver pressão no câmbio à vista”, afirmou Carlos Menezes, diretor do Unibanco. Na semana passada, o dólar passou para novo nível —estava em R\$ 1,97 e foi para R\$ 1,989 na quinta-feira, fechando a sexta-feira a R\$ 1,989, a mesma cotação do dia anterior.

A oscilação das cotações dentro do mesmo dia, no entanto, mostra uma acomodação no novo nível. Na quinta-feira foi de 0,86% e na sexta-feira, de 0,4%. No ano, o dólar acumula alta de 2%.

Até agora, o BC vinha conseguindo sucesso na rolagem dos títulos cambiais neste ano, com redução nos juros. Mas, desde outubro, deixou de enxugar o volume de papéis nas mãos do mercado. Enquanto em outubro do ano passado o BC havia rolando 76,44% dos resgates, em novembro e dezembro de 2000 e janeiro de 2001 rolou 104,77% na média aritmética, segundo cálculos de especialistas do mercado feitos a pedido do Valor.

O último título corrigido pelo câmbio lançado pelo BC, para liquidação em fevereiro, vence em 16 de setembro de 2004, ou seja, tem prazo aproximado de três anos e sete meses. “Tenho certeza de que o BC vai manter sua cautela e conservadorismo no que diz respeito às rolagens dos títulos indexados ao câmbio”, afirmou Eduardo Oliveira, diretor-gerente e chefe da área de Brazil Global Markets do Deutsche Bank.

Menezes considera que o prazo de vencimento dos bônus externos de empresas e bancos brasileiros é um bom parâmetro para o BC avaliar qual é a demanda por proteção contra a desvalorização cambial no momento. O Safra acaba de lançar papel de

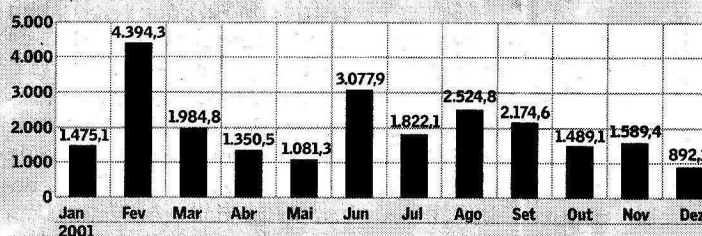


Marco Antonio Dias, chefe da mesa do Bicbanco: “As importações de janeiro surpreenderam. Foram fortes demais”

Dívida indexada ao câmbio

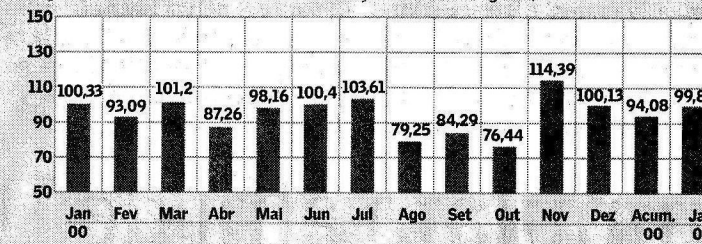
Títulos públicos da dívida interna

Vencimento de cambiais
em US\$ milhões



Giro da dívida cambial

Relação entre o valor financeiro das colocações e o dos resgates, em %



Fonte: mercado

vencimento em três anos, de US\$ 100 milhões, o mais longo deste ano, e a Cesp Paraná está para lançar US\$ 300 milhões de vencimento em três anos. Os papéis da Ambev de vencimento em cinco anos estão no forno. Há empréstimos externos já fechados com prazos maiores, de até cinco

anos, como é o caso da AES Sul.

Apesar do cenário positivo para as captações, os recursos obtidos, em sua maior parte, são para rolar dívida no mercado externo. Portanto, não significam ingresso líquido de dólares. O lançamento de bônus da Ambev, de US\$ 300 milhões, é a exceção.

O fluxo positivo de dólares esperado para o início do ano com as privatizações não está se verificando. Os leilões das Bandas C, D e E de telefonia móvel, que o mercado calculava que trariam US\$ 3,3 bilhões ao país, fracassou. “As importações estão fortes demais. Tradicionalmente janeiro é um mês fraco em compras externas”, afirmou Marco Antonio Dias, chefe da mesa do Bicbanco.

O impacto dos dois eventos no mercado de câmbio é imediato. Deixam de entrar recursos externos por causa do fracasso no leilão da Banda C.

Importações maiores significam maior procura por dólar para pagá-las. Há também impacto sobre as expectativas: mais importações e menos investimento externo para as privatizações significam maior déficit em conta corrente e maior dificuldade para rolar esse déficit, em um ambiente externo contaminado pelo crescimento menor nos Estados Unidos. A briga do PFL com o governo FHC também preocupam. “Os fundamentos do país estão excelentes. Espero que os políticos não estraguem tudo”, disse José Guilherme Lembe de Faria, diretor do Bradesco.